

## O SUJEITO TRADUTOR ENTRE A “SUA” LÍNGUA E A LÍNGUA DO OUTRO

Maria José R. F. Coracini  
Universidade de Campinas - IEL/DLA  
mjfcoracini@uol.com.br

**Resumo:** Este texto tem por objetivos: a) problematizar a dicotomia língua materna/língua estrangeira, formulando a hipótese de que ambas se interpenetram na constituição da subjetividade; b) verificar como se vêem os tradutores, que representações habitam o seu imaginário sobre língua, tradução e sobre o que seja ser tradutor, que relação estabelecem entre teoria e prática, como relacionam línguas que, escolar e socialmente, são dicotomizadas e como se sentem nessa(s) língua(s) enquanto sujeitos constituídos nelas e por elas. Foram coletados relatos orais, gravados em áudio, junto a sete sujeitos e questionários respondidos por escrito por outros quarenta tradutores. Foi possível notar que o tradutor permanece na tensão das contingências de sua história de vida, de sua formação, modificada pelo outro, pela língua-cultura-texto do outro com quem se identifica e de quem se distingue, pelas contingências mercadológicas, pelas representações ou imagens do leitor.

**Palavras-chave:** identidade do tradutor, discurso, subjetividade, teoria e prática, interpretação.

**Abstract:** This paper aims at: a) problematizing the dichotomy mother tongue vs foreign language, hypothesizing that both of them constitute subjectivity; b) finding out how translators see themselves, which representations constitute their imaginary about language, translation, what means being translator, what relationship they consider between theory and practice, how they relate languages, scholar and socially isolated, and how they feel in these languages as subjects constituted in them and by them. Seven interviews and a writing questionnaire answered by forty translators have been analysed. It is possible to note that the translator remains in the tension of his life-story, his professional formation, modified by the other, by the language-culture of the other to whom he identifies himself and from whom

he distinguishes, due to marketing demands, and the representations or images of the reader.

**Keywords:** translator's identity, discourse, subjectivity, theory and practice, interpretation.

Este texto tem por objetivo, de um lado, problematizar a dicotomia língua materna/língua estrangeira, formulando a hipótese de que ambas se interpenetram na constituição da subjetividade – clivada, dispersa, heterogênea, constituída pelo outro. Por outro, verificar, na medida do possível, como se vêem os tradutores – profissionais ou amadores (amantes) da tradução, professores de línguas que vez por outra são solicitados a traduzir –, que representações habitam o seu imaginário sobre língua, tradução e o que seja ser tradutor, que relação estabelecem entre teoria e prática, como relacionam línguas que, escolar e socialmente, são dicotomizadas e, sobretudo, como se sentem nessa(s) língua(s) como sujeitos constituídos nelas e por elas.

Para isso, foram coletados relatos orais, gravados em áudio, junto a sete sujeitos e questionários respondidos por escrito por outros quarenta, todos tradutores profissionais ou professores de língua que fazem traduções, em busca da compreensão da identidade social dessa classe profissional no Brasil, ou mais precisamente, no Estado de São Paulo. Fique claro, desde já, que nossas reflexões se pautarão nas respostas e narrativas obtidas e que, portanto, não se prestarão a generalizações. É preciso, ainda, reconhecer que esses relatos, todos na primeira pessoa, constituem o que Derrida (s/d) denomina “uma autobiografia impossível”, pois “a autobiografia, no sentido clássico do termo, implica ao menos que o eu saiba o que ele é, se identifique antes de escrever, ou suponha uma certa identidade” (*op. cit.*: 01).

Partimos do pressuposto de que, tradicionalmente, os estudos da tradução têm considerado o tradutor como ponte, ou como veículo – neutro e à disposição do usuário (no caso, o autor do texto) – como, aliás, pudemos constatar no testemunho de vários de nossos enunciadore<sup>1</sup>. No que diz respeito às línguas (ao campo, do-

mínio, extensão das línguas), é possível verificar que, sobretudo na visão lingüística da tradução<sup>2</sup>, a meu ver, simplificada e tradicional, ser tradutor significa ser bilíngüe ou quase bilíngüe: dominar cada uma das línguas, idealmente completas; é ser capaz de passar tranqüilamente de uma língua para outra (da LE para a LM ou vice-versa), mediante conhecimentos que extrapolam a(s) língua(s) em questão: o tema, a área técnica, a situação de enunciação. Nessa visão, que se pauta num ideal, as línguas continuam separadas por demarcações nítidas: demarcações culturais, demarcações formais (gramaticais dentre outras)... Ora, a hipótese que persigo em minhas investigações é de que o tradutor constitui um sujeito entre-línguas-culturas, lugar onde se mesclam e se confundem umas e outras, onde se apagam ou se embaraçam os limites, os contornos e as dicotomias arraigadas na cultura ocidental da qual somos todos herdeiros e na qual somos prisioneiros. Assim, o tradutor se constitui do e no desejo do Outro, transitando no espaço ilusório, construído entre a “sua” língua (também denominada língua materna) e a língua do outro (chamada de segunda língua ou língua estrangeira).

Fica claro, então, que, como nos textos precedentes, assumo identidade a partir de teorias do discurso e da psicanálise que a concebem como instável, sempre em movimento, heterogênea e conflituosa, ou melhor, como ilusão ou “sentimento” de totalidade que torna presente o que está ausente e temporalmente adiado. Na esteira da psicanálise, Bhabha (1998: 84), pesquisador indiano de grande interesse para as pesquisas que coordeno, afirma que só é possível flagrar identificações e, “para a identificação, a identidade nunca é um *a priori*, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade”. Mais adiante, o mesmo autor define identidade como “a representação de um tempo que está sempre em outro lugar, uma repetição” que repete sem reproduzir, que é sempre criação, no imbricamento do mesmo e do diferente. Nesse sentido, a identidade será, então, sempre e inevitavelmente, interpretação.

Como a identidade é interpretação de si – pelos outros e por si – e do outro – por si e pelo outro –, e como traduzir é interpretar – ao menos é assim que entendemos – e como analisar o discurso de si e do outro é também interpretar – é o que o analista de discurso faz – este texto tratará necessariamente de interpretação.

### **Interpretando narrativas...**

Passemos aos resultados, ainda que parciais, da análise do corpus coletado. Nossos enunciadores buscam o tempo todo, como acredito ocorra com o tradutor em geral, pertencer ao que se considera a classe dos tradutores, corresponder às suas expectativas, mais ou menos normatizadas, no anseio de aí se verem reconhecidos e, assim, poderem penetrar no mercado profissional. Talvez por isso mesmo, ao falar de si como tradutores falem mais de sua tarefa, do prazer que ela lhes proporciona, mas sobretudo dos procedimentos (metodologia) de trabalho, do que significa traduzir, das circunstâncias da tradução, da baixa remuneração, das qualidades necessárias para um (bom) tradutor (“o tradutor deve dominar a gramática das duas línguas”; o tradutor deve “pesquisar bastante não só a parte lingüística mas também sociedade, literatura, história, política etc.”); enfim, fala do que e de como o que faz o inscreve no grupo profissional dos tradutores, ou melhor, como ele se identifica a certos modelos construídos para e por um determinado grupo de tradutores. Por vezes, acena para os problemas que a tradução acarreta – problemas de ordem lexical, sintática, morfológica – na passagem de uma língua para a outra, seja porque a língua é complicada (como o alemão), seja porque aparenta facilidade, dada a proximidade entre elas (é o caso do português e do espanhol).

Quando nossos enunciadores falam do que significa ser tradutor trazem freqüentemente a imagem da ponte, ponte entre culturas (“Gosto bastante porque traduzir, no meu ponto de vista, é ir além

de saber uma língua, é estar em contato com outra cultura”; “ser tradutor significa possibilitar a comunicação, a união e a compreensão entre culturas diferentes e distantes lingüisticamente”), ponte entre línguas, “entre dois mundos”, função apaziguadora do tradutor. Referem-se à necessidade de serem fiéis ao texto e ao autor (“Difícil colocar na língua materna / língua estrangeira exatamente o que o autor quis dizer. É muita responsabilidade, mas à medida que se entende a forma como o autor pensa o texto, mais fascinante fica o trabalho!”; traduzir é “...escrever novamente um texto, livro etc. que esteja escrito em outra língua, para o português, o mais próximo possível da real intenção do autor(a) ao escrevê-lo, do que o autor diz ao escrever”), ainda que, noutros momentos, afirmem a não correspondência entre duas línguas e a tarefa do tradutor como criação de outro texto (“É um trabalho de co-autoria de um novo texto que será produzido”). É interessante observar que, nos sujeitos tradutores entrevistados, é muito freqüente a referência ao original como um espectro que os assombra. Poucos se referem ao leitor; alguns falam daqueles (empresa, editora ou indivíduos) que encomendam a tradução, mas o ponto de referência ainda é o texto original: trata-se, parece-me, de um desejo de apropriação sem o qual nada poderia ser feito.

Falam, por vezes, da angústia que sentem, angústia que provém de uma espécie de sacralização do original, que carrega, de forma mítica, a origem daquele determinado saber, de modo que “mexer no texto” (pôr a mão, alterá-lo) – “aquela coisa sagrada” – pode significar uma “profanação”. Leiamos:

- S1 - Acho que rapidamente /né?/ o trabalho com tradução me angustiava muito / quando eu comecei a trabalhar / justamente por essas coisas que a gente questiona [...] será que eu posso mexer no texto / até que ponto eu posso mexer porque o texto é original e eu estou / a idéia de profanação eu sempre tive /né?/ daquela coisa sagrada / que eu estou ali / metendo a minha mão / mas eu não posso aparecer e / por exemplo / uma mudança sintática

/né?/ será que eu posso fazer / não é que eu posso / eu tenho que fazer / eu não posso deixar de fazer / ah porque no original não está assim / mas pro português eu vou ter que colocar assim para ficar / assim / inteligível / e isso me angustiava muito [...] (T1)

Discurso da dúvida, da dívida, marcado pelas modalidades deônticas: deve, tem que, precisa (você deve ser fiel, tem que pesquisar, precisa fazer x ou y...), angústia de não poder atender a tantas recomendações dos especialistas, angústia da dívida, de ficar sempre devendo algo ao texto de partida, angústia legítima que provém do impossível encontro entre texto a traduzir e texto traduzido! Esse mesmo sentimento de angústia diante da inevitabilidade de tocar no texto “sagrado” (“eu tenho que fazer”), da impossibilidade de não aparecer (“mas eu não posso aparecer”), da necessidade de trazer mudanças para o texto original (“por exemplo uma mudança sintática”), enfim, da insegurança proveniente da tensão entre uma certa teoria ou visão idealizada, para não dizer idílica, do tradutor – capaz de tudo controlar como um cientista controla o seu objeto através do método que aplica – e a prática – contingencial<sup>3</sup>, inesperada – é apontado por outro tradutor-enunciador diante de textos cuja temática não domina:

S2 - [...] é ruim talvez / porque você nunca se sente seguro / né? / quando é um tema que você desconhece tanto / ah você acaba sendo mais como uma máquina / né? / que faz uma coisa e/ mas você não tem muito controle / bom / não tem essa sensação pelo menos / de ter o controle do que tá acontecendo / então é / não foi a experiência mais / mais interessante que eu tive na... na de tradução então isso foi sobretudo no original... não dá pra entender / é preocupante... (T2)

Desejo de controle, de segurança, de fidelidade, que parece habitar o tradutor-enunciador que vê – ou quer ver – sua tarefa

como idealmente consciente, sob controle, sob seu domínio... Talvez por isso, ainda que faça uso da primeira pessoa do singular, ainda que se refira a sentimentos pessoais, ainda que saiba que a tradução é uma técnica e de que sua função é a de alguém que está a serviço da técnica (“você acaba sendo mais como uma máquina”), ainda que o tradutor-enunciador saiba teoricamente que não tem controle, que nem tudo é consciente na tradução (“você não tem essa sensação pelo menos de ter o controle do que tá acontecendo”), ele se sente angustiado ou preocupado: parece conservar o desejo de que “ao menos” – expressão de um lamento? – pudesse ter a sensação de que esse controle existe – postulando, assim, a separação bem definida entre as línguas, que não se misturariam ou não deveriam se misturar jamais – de que ele não fosse uma máquina, máquina de traduzir, máquina-instrumento, objeto, tarefa maquinal, que se manifesta sobretudo quando o tradutor não conhece o assunto, não tem o controle (de quê? de si? das línguas? da tradução? da máquina? do que está acontecendo? Afinal o que está acontecendo? É possível controlar o processo?). A dificuldade de compreensão do texto original traz essa sensação de descontrole e isso “é ruim”, “é preocupante”!

O tradutor vê-se (e é visto), portanto, com frequência, como aquele que precisa dominar o texto, a obra, o assunto e, evidentemente, mais do que tudo ou do que nada, as línguas. Afinal, o tradutor deveria ser um falante bilíngüe, embora saiba que não o é – daí a angústia que subjaz ao discurso de T2 –, no sentido que comumente se atribui a esse termo: alguém que consegue se expressar nas duas línguas, bem diferentes entre si, línguas que domina – ou deveria dominar (novamente, a dívida e a dúvida!) – senão igualmente (esse seria o ideal), ao menos com profundidade. Vejamos o que diz T3.

T3 nasceu em Luisiana, nos Estados Unidos, região que foi colonizada pela França, mas onde se fala um francês diferente (“francês de Luisiana”); por essa razão, ele diz poder falar de si, de seus sentimentos indiferentemente em francês ou em inglês; apesar disso, ele se considera mais francês do que americano:

S3 – eu me sinto mais francês do que americano / se... anh / quanto à minha cultura / e tudo isso / a minha família se sente mais francês (...) mas / *c'est un cadeau* [é um presente] ahn / ahn a gente pode viver as duas culturas (...) e isso é legal! (T3)

Por já ter vivido uns tempos na Bélgica, já ter visitado a França e o Canadá, ele afirma falar “francês internacional”, expressão usada por ele para distinguir do francês falado em sua região: há coisas que ele pode explicar em francês internacional, mas não pode fazê-lo em francês da Luisiana:

S.4 – ...essas coisas técnicas / científicas / essas coisas porque não tem vocabulário pra isso em francês de Luisiana / tem que falar em inglês e depois voltar ao francês de Luisiana / então / é misturado... (T3)

Aliás, é interessante a observação que faz de que a tradução vem servindo para o resgate da identidade de famílias da região: a maioria das pessoas que encomendam as traduções moram na Califórnia ou no Estado de Nova York, para onde migraram por volta de 1910-1915. Trata-se da tradução para a língua inglesa de documentos que se encontram, em Luisiana, em igrejas, tribunais, escritos em francês e alguns em espanhol, porque, segundo o tradutor entrevistado, a região foi, primeiro, “colônia francesa, depois espanhola, depois francesa de novo e americana”. Diz o tradutor entrevistado, a respeito de sua experiência: “gosto muito porque não se ??? traduzir / tem que *ajouter* (...) acrescentar o contexto”.

Observemos mais um recorte:

S5 – Quando estava terminando minha graduação em tradução, na UFRGS, em 1995, minha orientadora de estágio deu-me como tarefa traduzir o resumo de uma tese de

doutorado na área de engenharia de Alimentos. O texto tinha sido enviado a uma revista espanhola, vertido. E foi recusado, com a seguinte observação: “favor revisar o espanhol”. A professora responsável pela pesquisa, assustada, contactou com a minha orientadora de estágio, que me incumbiu da tarefa. Então descobri que o texto havia sido vertido pela professora e por um orientando seu, boliviano, que já vivia no Brasil há 4 anos, contaminado pelo português o suficiente para escrever “contribuición” em vez de “contribución”. Refiz o texto, enfrentando todas as dificuldades técnicas. Foi um aprendizado para todos, principalmente para os que acreditavam nas “facilidades do espanhol”. (T4)

Em S5, T4 denuncia a impossibilidade de determinar de uma vez por todas a separação entre as línguas que vão constituindo o sujeito à medida que com elas vai se identificando, se transformando, na mistura das línguas, de outros – textos, discursos, memória, desejo... –: as línguas vão se “contaminando”, (es)tragando a tão desejada e impossível pureza da língua materna...

Outro entrevistado, aqui referido como T1, de origem francesa, que se encontrava no Brasil, mais precisamente em Campinas havia um ano e meio, na ocasião em que concedeu a entrevista, para estudar e acompanhar sua esposa mexicana em seus estudos, conta que, antes de vir para cá, trabalhou, no México, em um escritório de tradução para um casal de tradutores já idosos: o marido, que era tradutor juramentado, havia aprendido francês há uns trinta anos atrás, mas

S6 – ... já depois foi esquecendo pouco a pouco / então eu me dei conta que ele já não / não escrevia / não... não estava dominando / muito bem francês / porque eles me deram um dia umas duas três linhas pra falar não sei o que em francês e então / o senhor pode corrigir para ver se está bem? / e tinha coisas que mostravam que ele não... / que não dava pra entender...

Mas como fazemos a hipótese de que falar do outro é falar de si, não podemos deixar de acreditar que situações semelhantes possam ocorrer com qualquer um de nós, tradutores, a qualquer momento..., apontando para a construção do idioma próprio (Derrida, 1996 [2001: 100]), línguas dentro da língua, singularidade que se constitui da e na heterogeneidade.

Entretanto, a menção a tal mistura, a tal contaminação emerge dos e nos relatos quando estes se referem a situações relativas ao cotidiano do falante, momentos que poderíamos reconhecer como de identificação a si mesmo, embora, é evidente, essa identificação se dê também, em certa medida, pelo olhar do outro. Nesses momentos de identificação, é preponderante o relato da própria história.

Tendo-se casado no México com uma mexicana, T1 revela que, por vezes, ainda hoje (um ano e meio depois) se surpreende criando palavras que misturam o espanhol do México, o português e o francês, do qual já está se sentindo “desconectado”:

S.7 – (...) eu me sinto ainda bem / à vontade com a língua / mas [*quando estou lá*] não sei se já me sinto estrangeiro / mas / tem alguma coisa que já não é como antes / então é uma sensação / é / esquisita (..) você fica se questionando /né?/ do que tá acontecendo / [...] quando volto pra minha cidade (...) até na minha cidade / até na minha região eu tô sentindo isso / né? que não sou parte... agora me vejo um pouco de fora... (T2)

Em outro momento da entrevista, fala de seu desejo de não ter sotaque, de não ser reconhecido como estrangeiro noutro país (México, Brasil), de sua insistência em falar a língua do país, em não andar com franceses, mas se relacionar com os nativos, talvez para não se sentir segregado...

S8 – (...) agora / aqui / eu já tô desligado da França / há certo tempo / então / não tenho o mesmo impulso / né? / pra

fazer coisas assim / me separando do francês [...] já sinto menos perigo [...] porque você não está mais fugindo talvez de alguma coisa / e você tá num lugar onde você está porque quer / então talvez interiormente / seja / não sei se vou ter uma etapa melhor ainda / mas acho que / nunca tinha pensado nisso / mas talvez seja bom assim / de... de você estar porque você quer / então/ não haver mais resistência ao que era né? / e se sentir bem consigo mesmo né?

Mais adiante:

S9 – É... é interessante porque ao mesmo tempo tô falando né? / que quando vou pra França já me sinto / já me sinto um pouco estrangeiro né?/ então ao mesmo tempo já... não sei... não estaria *já mais* sentindo essa pré / vontade de sair da França / mas também / mesmo porque eu sei que já / talvez não seja totalmente / ou já não esteja mais sentindo

Estrangeiro em sua própria casa, como diria Lacan, T1 confessa-se em conflito e desliza numa espécie de lapso ao dizer que “não estaria *já mais* sentindo essa pré / vontade de sair da França”, apontando para a possibilidade de nunca ter, de fato, tido essa “pré’(-disposição?) ou “vontade”... ou pelo menos deixando dúvidas a esse respeito: afinal, como afirma em outros momentos, é o francês a sua língua materna... Mas, hoje, surpreende-se misturando termos das línguas que aprendeu com a sua língua (órgão da fala, da degustação, do prazer): português-espanhol-francês; por essa razão, combinou com a esposa que, no Brasil, falariam português, mesmo em casa, o que não garante, é claro, a “pureza” de nenhuma das línguas implicadas nem a delimitação entre elas, como, aliás, é possível constatar no seu próprio discurso, não apenas pelo sotaque, mas por várias outras (re)marcas. Esse mesmo hibridismo, essa mesma tensão tenciona cultivar em sua filha recém-nascida...

Mas, essa tensão resultante da imbricação das línguas, da constituição do idioma, sempre híbrido, só é trazida à baila pelos sujeitos tradutores quando fazem menção a situações que envolvem outros tradutores, em que é possível flagrar, no dizer deles, “contaminações”, termo que guarda o sentido negativo que lhe é comumente imputado, já que elas dificultam ou até mesmo impossibilitam a “boa” tradução.

É importante, antes de terminar (sem terminar!) este item, trazer a idéia da completude, de totalidade – idealista e idealizada – traduzida em enunciados que se referem à importância da profissão “eterna e essencial” como afirma um de nossos entrevistados; o tradutor se completa no outro – texto, autor, cultura. Daí os inúmeros enunciados que apontam para o desejo de ver o outro e se ver no outro, dentre os quais: “para o tradutor é fundamental ver com o olho do outro e dizer na outra língua”; “ser tradutor é estabelecer uma relação de amor com a língua e com o outro”; “[*ser tradutor é*] fazer – por escrito ou oralmente – pessoas que não falam a mesma língua se entenderem e se comunicarem”.

### **Arrematando...**

Em síntese, é possível concluir, com base no material coletado e parcialmente analisado, que, quando os enunciadores narram a sua história individual marcada pelo encontro de línguas, deparam-se com situações em que deslizam, derrapam, misturam, confundem..., mas ao falarem da tarefa de tradutores é como se o consciente tomasse conta e desse conta de tudo... Só lembram de “confusões” quando falam de outros tradutores que sofreram contaminações e, por isso, sem perceberem, cometem faltas/falhas na tradução. Mas, como falar do outro é falar de si, é possível postular que o tradutor se constitui do e no desejo do Outro, transitando no espaço movediço, construído entre a “sua” língua (também denominada língua materna) e a língua do outro (chamada de segunda língua ou

língua estrangeira): ilusão de fronteiras que assegura outra ilusão – a da pureza de cada língua tomada isoladamente.

Talvez por isso mesmo, pelo fato de que sonha com o outro (autor) com a inversão de papéis – desejo recalçado de autoria? –, seja possível constatar mais uma vez que o tradutor fala bem menos de si (posição subalterna?) do que de sua tarefa – missão de amor, de conciliação, porto seguro de pontes; que ele se encontra no entre-lugar (ou no não-lugar?) marcado pela impossibilidade da tradução perfeita ou fiel e o espectro da fidelidade que não o deixa em paz; entre a necessidade (já que todo texto demanda leitura, interpretação, tradução) e a impossibilidade de traduzir, como afirma Derrida (2002: 25), de passar para outra língua sem ficar devendo; impossibilidade que se encontra entre a reprodução e a repetição (criação<sup>4</sup> Para a psicanálise lacaniana, a repetição implica desejo, proveniente da identificação com o outro e, por isso, é sempre criação), entre o autor e o leitor, entre a necessária invisibilidade – que torna visível o autor/autoridade do texto primeiro – e o desejo de ser visível e, portanto, também autor.

Esta pesquisa vem mostrando, pois, que o sujeito tradutor se encontra, de modo especial, no lugar privilegiado e ao mesmo tempo (des)confortável do entre-línguas, entre-culturas, situando-se entre visões de língua e de linguagem que advêm de sua formação, sempre atravessada por alguma visão teórica (não necessariamente formalizada) de tradutores e, ao mesmo tempo, de sua experiência na prática cotidiana, como falantes e como profissionais.

As identificações de si e ao outro se entrelaçam e se confundem para constituir a identidade do sujeito, no caso que nos interessa, tradutor, que permanece na tensão das contingências de sua história de vida, de sua formação, modificada pelo outro, pela língua-cultura-texto do outro (representado pelo autor do texto de partida) – e, certamente, transformada também por mim que ousou (me) analisar – com quem se identifica e de quem se distingue, pelas contingências mercadológicas, pelas representações ou imagens do leitor. Eu diria que, como todo aquele que aprende uma língua e

que, portanto, se abre para o outro, permitindo que as discursividades do outro o constituam, não sai incólume dessa experiência transformadora, assim também o sujeito tradutor não sai incólume de uma experiência de tradução, do contato com o texto – como, aliás, nem as línguas nem o texto de partida... –, já que produz outro texto que, ao mesmo tempo, conserva o chamado original, sem origem – garantindo-lhe a sobre-vida e dele se contaminando –, modifica-o, acrescentando ou subtraindo, de onde a sensação legítima de estar sempre em dívida, pois algo falta, ou por vezes algo sobra – sabendo que fez o melhor ou o que lhe era possível fazer naquele momento. É nessa zona de tensão e de (com) fusão que se constrói a identidade sempre cambiante, historicizada, do tradutor.

É nesse entre-(outro(a)s)-línguas, nesse espaço impossível de se fixar o limite e de esboçar sua origem, no espaço confuso entre o dentro e o fora, o mesmo e o diferente, no espaço do incapturável, isto é, no espaço da *différance* (Derrida, 1972: 16-17), que busquei efetuar o deslocamento conceitual de tradutor, como sujeito, constituído por representações diversas provenientes de discursos em conflito –, tentando questionar o que parece inquestionável e complexificar o que parece simples, na aparência da superfície ou na profundidade do científico.

## Notas

1. Cf. Coracini (2005b) no prelo.
2. Cf. Coracini (2005a), no prelo.
3. Consultar, a respeito das contingências da prática, Coracini & Bertoldo (orgs) (2003).

4. Para a psicanálise lacaniana, a repetição implica desejo, proveniente da identificação com o outro e, por isso, é sempre criação.

## **Bibliografia**

BHABHA, Homi (1998) *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila & alii. Belo Horizonte: Editora UFMG.

CORACINI (2005a) “Discurso sobre tradução: aspectos da configuração identitária do tradutor”, *TradTerm*, no prelo.

CORACINI (2005b) “(Auto-)representações do tradutor: entre a frustrante fidelidade e o gozo da traição”, no prelo.

CORACINI, Maria José & BERTOLDO, Ernesto Sérgio (orgs) (2003) *O desejo da teoria e a contingência da prática*. Campinas: Editora Mercado de Letras.

DERRIDA, Jacques (1972) *Positions*. Paris: Les Editions de Minuit.

DERRIDA, Jacques (1996) *O Monolinguismo do Outro - ou a prótese da origem* Trad. port.: Fernanda Bernardo, Porto: Campo das Letras, 2001.

DERRIDA, Jacques (2002) *Torres de Babel*. Trad.: Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG.

DERRIDA, Jacques (s/d) *D’Ailleurs Derrida* (texto do filme de Safaa Fathy). Trad. Elida Ferreira e Paulo Ottoni.

FOUCAULT, Michel (1979) *Microfísica do poder*. Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.

REIS, Vera Lúcia dos (2000) *O monolingüismo do outro: uma forma de deriva nos "giros de Babel"*. In Nascimento, Evando & Paula Glenadel (orgs.) *Em torno de Derrida*. Rio de Janeiro: 7Letras.